



POLUIÇÃO EM CANAL

Há meses — editorial «DL» de 21 de Junho — referia-se aqui o ponto de saturação que os emissores tinham atingido com programas repetitivos e de baixa selecção.

Estava-se, na altura, em etapa de afirmação popular. A politização urgente e a aceleração das conquistas do socialismo provocavam um tipo ansioso de esclarecimento onde frequentemente se introduziam os oportunismos do *slogan* estrondoso e da canção demagógica.

Mas aos excessos de então respondeu a rádio de agora por inversão quase total. Da locução em mangas de camisa e do debate espontâneo, do plenário e da rua aberta, passou-se à emissão de estúdio ou ao exterior composto, à frequência «moderada» em que voltaram a fazer cartaz Amália Rodrigues, Hermínia Silva e outras vozes recuperadas da discoteca colaboracionista. Canções revolucionárias de qualidade — que as houve — só de raro em raro e, essas mesmo, seleccionadas entre as menos directas, numa intenção definida de um pluralismo confortável.

Nesta nova onda da nossa Revolução a volta do quadrante foi tão longe que corre o risco de se identificar com a música de fundo do fascismo.

Nos canais da televisão o processo reconversor repete-se. Depois de muito estilo anárquico, de muito improvisado — e também de excelentes e inesquecíveis programas pelo meio: os melhores que jamais passaram nos nossos écrans — os estúdios do Lumiar regressaram, em menos de um mês, ao tom engravado, oficioso, do consulado Valadão, transformando-se em quase *flash-back* da velha ordem.

Nesse tempo sabíamos como a mentira e a censura ao serviço do anticomunismo fizeram da televisão um instrumento de tirania psicológica. Como, desesperados de persuadir, os seus «ideólogos» a transformaram numa máquina de agressão à inteligência média. Como, com esse massacre e a força da impunidade, ela procurava criar na multidão silenciosa um sentimento de frustração colectiva e de impotência.

A televisão tornou-se então terreiro de intolerância e de segregação pública, alienação



Continuação da Pág. 1

forjada. Na cultura e na política os vultos menores preenchiam o écran e contribuíam, com voz regrada e «independente», para ornamentar o retrato oficial da *intelligentsia*. Passavam, eles próprios, ao reconhecimento (fácil) do grande público, entravam no mundo iluminado das vedetas que encorpora o religioso e o profano, a erudição e a subcultura, o meritório e abjecto, mas que tudo compromete por igual num mesmo enquadramento. Com essa confusão de valores pretendia-se, uma vez mais e sempre, preservar uma certa ordem social, baseada num rebaixamento do gosto e num isolamento, face à comunidade, de uma cultura que, por ser autêntica, se opunha e resistia.

E eis que subitamente essa memória, esse travo de angústia, recomeça a despontar nos novos espaços da TV. Vozes velhas e de má lembrança, vultos esfumados, aproximam-se e ganham contorno — reocupam o primeiro plano. Com a mesma convicção solene com que dantes lia comunicados repressivos do fascismo, o locutor de presença glabra senta-se diante do País que, impotente, o suportou. Lá está, de novo: empossado em seu sílabar precioso, frio e composto naquele tom de inspirar distância e disciplina que rapidamente nos traz associações com um passado tenebroso. Lá voltam os «slides» do S. N. I., lá volta tal música popular, dita folclórica, a marcar espaços mortos como dantes; e o artesanato industrial; e certas expressões de antigamente.

De modo que à espontaneidade, ao encontro com o anonimato e com o herói comum que tinha dominado a televisão do 25 de Abril.

esta, a do 25 de Novembro, apontou para trás, para longe, e elegeu a personagem credenciada e o herói de estúdio. Acontece, porém, que se a criação de uma «clientela das câmaras» aproxima o espectador e transmite ao grande público uma sensação de estabilidade aparente, ela acaba por reflectir um irremediável empobrecimento de impacto social. Vem nos livros — em McLuhan e em Friedrich Hacker, por exemplo.

Dir-se-á que os erros da televisão deste último mês são uma resposta urgente e por excesso aos erros que imediatamente a antecederam. Mas o que importa é definir o sentido desses excessos e para que área ideológica apontam. Sobretudo evitar um *brain washing* de sinal contrário que ao poluir os écrans faça reaparecer neles associações tenebrosas e movimentos de repulsa ao nível da ideologia e do inconsciente.

Numa hora, como esta, de risco e desconfinança a presença de Mário Dionísio na orientação da RTP vale com índice promissor. Este escritor de austera atitude antifascista, este pedagogo, teorizador, artista a um tempo experimental e mediato — este homem, Mário Dionísio, tem com ele a segurança e os ângulos variados que permitem abarcar a panorâmica do País, tão inquietantemente apresentada na versão da TV.

Só daqui a algum tempo teremos resultados da sua intervenção e do apoio e do estímulo que lhe for prestado na sua tarefa. Só então poderemos concluir se a televisão de agora constitui realmente a imagem de marca da etapa que estamos vivendo ou se é apenas uma dramática confusão de sinais e coincidências.